

## Uma dose de Pinter Stein

Para os ensaios desta criação Stein reuniu, durante um mês e meio, o seu elenco numa propriedade rural, com o objectivo de “criar uma comunidade artística, capaz de estabelecer um verdadeiro contacto com essa outra comunidade que é o público”. *O aniversário* reúne duas figuras de proa do teatro europeu das décadas de 60 e 70 do século XX: o encenador Peter Stein, que colocou a Schaubühne de Berlim no mapa teatral europeu, e o dramaturgo Harold Pinter, Nobel da Literatura 2005.

Escrita em 1957, quando Pinter tinha apenas 27 anos, *O aniversário* é conhecida como uma ‘comédia de ameaça’, situada entre o cómico e o trágico. Hoje em dia é uma das suas peças mais representadas, apesar de ter fracassado inicialmente. Uma honrosa excepção a essa primeira reprovação geral foi a do crítico Harold Hobson, que no dia seguinte à estreia do texto escreveu no *Sunday Times* que “Pinter é detentor do talento mais original, inquietante e convincente do teatro londrino. Ainda havemos de ouvir falar muito tanto dele como desta sua peça”. Devedora de Kafka, Joyce, Dostoievski, Hemingway e (sobretudo) Beckett, a obra de Pinter tem suscitado

tanto interesse que já foi inclusive cunhado um adjectivo para se lhe referir. ‘Pinteriano’ ilustra, segundo Stein, “as tais pausas que Tchecov tanto cultivou, esses silêncios durante os quais acontecem as coisas mais terríveis”.

Convidado a resumir o enredo deste texto, o encenador aponta que: “Nesta trama movemo-nos por entre factos que nunca chegamos a conhecer inteiramente. Nunca estamos seguros de as personagens nos dizerem a verdade, ou estarem pura e simplesmente a mentir. Os espectadores são mantidos num estado de contínua incerteza. É-nos contada a intricada história de um indivíduo que, aparentemente, é um pianista — mas até isso pode não ser verdade. Esse homem terá tido problemas com uma organização. A máfia? A polícia? Um partido político? Mistério. Sabemos apenas que se instalou numa pensão inglesa de província, à beira-mar, fugindo a uma dívida. Tem medo de ser seguido. E, de facto, a dada altura aparecem dois homens que tanto podem ser mafiosos como polícias, ou até membros dos serviços secretos... Estes dois indivíduos acabam por levar esse protagonista, que se chama Stanley, à loucura, arras-



© Tommaso Le Pera

tando-o para fora daquela pensão, em direcção à tal homogeneização imposta pela sociedade”.

O tributo que Stein presta a Pinter em *O aniversário* celebra a admiração que os dois artistas nutriram um pelo outro ao longo de décadas. No elenco, o encenador conta com uma das mais renomadas atrizes italianas — Maddalena Crippa, também sua mulher —, que revelou numa entrevista ter-se divertido bastante na construção do papel mais cómico da peça: o de Meg, a dona

da pensão, um tanto tonta e namoradeira. “Não é só a fazer Me-deias que temos prazer no palco”, apontou. Sobre a construção do espectáculo, Stein afirma-se fiel à sua linha de sempre, qual filólogo para quem os actores são o lápis com que desenha: “Não creio que a encenação seja propriamente uma actividade de criação, ou de interpretação sugestiva, como demasiadamente acontece hoje em dia. Na minha opinião o encenador deve limitar-se a veicular as intenções do autor”.

## O teatro é um ser híbrido

Na primeira sessão da formação *O sentido dos Mestres*, que ontem se iniciou na Casa da Cerca, o produtor Franco Laera traçou uma linha paralela entre a sua biografia e a evolução das artes performativas nos anos sessenta e setenta do século passado.

Laera cedo percebeu que o teatro, apesar de Aristóфанes e de outros geniais criadores, não tem de ficar acantonado numa experiência literária: “O teatro não é

só o lugar das palavras: também é o das emoções”. Tudo isto no contexto dos anos sessenta, em que havia um espírito de abertura ao Mundo, quando o teatro de Bali passou pela Europa, e quando o italiano Eugenio Barba explicou por que é que o teatro que fazia era antropológico.

Na sessão de ontem, Laera recordou inclusive o momento em que se cruzou pela primeira vez com Robert Wilson, que um dia,



© Patrícia Martins

em 1976, lhe pediu “um copo, um jarro com leite e uma faca” para fazer uma *performance*. A tarde

terminou com o visionamento de *Dead Class*, um trabalho do criador polaco Tadeusz Kantor, de 1976.

# O DNA de Zimmermann

Quem ontem esteve na Esplanada para conversar com Martin Zimmermann, o criador de *Um dois três*, deparou-se com um homem calmo e ponderado, que contrasta com o frenesim que pode imprimir a um palco, de que a criação que trouxe ao Festival é exemplo.

“Venho do circo. De um mundo cheio de objectos. E é só depois de me rodear dos objectos que trago deste universo que começo o processo criativo, durante três meses. A partir desse ponto, materializo situações abstractas. Tudo sem perder a magia”.

*Um dois três* consiste numa



© Patrícia Martins

crítica às manifestações de poder por parte de algumas das pessoas que dirigem instituições culturais, como é o caso dos museus. É justamente um destes espaços que é invadido por três palhaços, num

tom de “nostalgia pessimista”, que é a síntese que Zimmermann — um assumido admirador de Charlie Chaplin e de Buster Keaton — utilizou para se definir a si próprio enquanto criador.

## Um Verão diferente

A sua energia e juventude são indispensáveis no dia-a-dia de um Festival que se desdobra em actividades sucessivas durante quinze longos dias. São muitas vezes o rosto que primeiro acolhe o público, distribuindo informações diárias. Agilizam as montagens do palco da Esplanada por parte dos vários conjuntos musicais que todos os dias ali actuam.

Thiara, uma das estagiárias deste ano, vinda do curso de interpretação da Escola D. Pedro V, fala-nos desta experiência: “Finalmente um



© Patrícia Martins

estágio em que não me pedem simplesmente para tirar cafés”. A estudante tem o tempo muito bem organizado, de modo a conseguir ver o maior número possível de espectáculos: “Um privilégio”.

Rita entusiasma-se com o facto de poder ver “uma enorme estru-

tura a mexer, e ser uma das participantes”. E Margarida (Masi) está satisfeita por ter aceitado o desafio dos professores da sua escola para ter “um Verão diferente”. Todas consideram importante esta experiência no início do seu caminho profissional.

## O fiel

TEATROLOGIA

Quem era o fiel do teatro? O fiel, antigamente, era quem permanecia no edifício. Depois de tudo acontecer, e de toda a gente sair, ficava este ‘guardião do templo’ lá dentro. Sozinho, e sem medo dos fantasmas, fazia a ronda para ver se tudo estava em ordem, e assim se mantinha até ao dia seguinte. Luzes desligadas, camarins trancados, cabos soltos recolhidos. Com tudo em ordem, o fiel podia finalmente descansar: nalguns casos dormia inclusive no teatro, ou ali muito perto.

No dia seguinte, quando, ao fim da manhã, os trabalhadores começavam a chegar à porta dos artistas, o fiel era o primeiro a acolhê-los. Conhecia toda a gente, ouvia confissões, alimentava caprichos, sabia o chá preferido de cada vedeta. Apesar de quase sempre ser um receptáculo de indiscrições, era discreto e fiel — justamente — à máxima: “O que nasce no teatro morre no teatro”.

No velhinho Parque Mayer — onde cada revista podia movimentar quase cem pessoas, num entra e sai frenético — cada teatro tinha o seu orgulhoso fiel. Hoje já ninguém do teatro fica a dormir lá dentro — ou pelo menos quase nunca, se tudo correr bem. Os fiéis foram substituídos por seguranças, que se revezam por turnos. Mas não é a mesma coisa. E ainda bem, para eles. // Rui Lagartinho

## Formiga Atómica na Esplanada

Depois de hoje ter sido desmontada a *Montanha-russa* que ontem tomou conta do Palco Grande, os seus engenheiros virão amanhã explicar na Esplanada, às 18h, como e porquê a construíram. Durante mais de um ano, a dupla Inês Barahona e Miguel Fragata mergulhou no mundo da adolescência, feito de troca de ideias, de diários, e até de *performances* provocadoras em várias escolas do País. Depois, os dois criadores ergueram esta montanha, feita de altos e baixos, desse período tão importante das nossas vidas. Foi uma “curiosa e imensa oficina”, como revelam ambos. A conversa será moderada por Emília Costa.

### AGENDA DE AMANHÃ

18:00 | Colóquio

**Inês Barahona e Miguel Fragata**

Escola D. António da Costa

19:00 | Teatro

**Eu sou a minha própria mulher**

Fórum Municipal Romeu Correia

20:30 | Música

**The Latin-Jazz Project**

Escola D. António da Costa

22:00 | Teatro

**Il compleanno**

Escola D. António da Costa

### RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Fettuccine c/ vitela

Pescada c/ amêijoas

Guisado de favas com batata

AMANHÃ

Moamba de galinha

Bacalhau à Gomes de Sá

Salada de arroz thai c/ feijão e aipo

